

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E UNIVERSIDADE: ENTRE TENSÕES, DISSENSOS E CONSENSOS

Evando Carlos Moreira ¹

RESUMO

O presente texto tem como objetivo refletir sobre as possibilidades e desafios na relação entre as práticas pedagógicas em Educação Física Escolar e a Universidade como espaço de formação docente. Para tanto, entende-se necessário apresentar um panorama sobre a referida relação, de maneira a elucidar como cada um desses espaços pode conectar-se ao outro positivamente, permitindo que as práticas pedagógicas docentes desse componente curricular se apropriem das produções realizadas no seio universitário, bem como que a Universidade perspetive o desenvolvimento de suas ações, tendo em vista as demandas apresentadas pela Escola e, por conseguinte pela Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física. Universidade. Formação.

ABSTRACT

The present text has as aim to reflect about the possibilities and challenges in the relation between the pedagogical practices in the school Physical Education and the University as a space of teacher formation. Therefore, it is necessary to present an overview about this relation in a way of elucidating how each one of these spaces can be positively connected to the other, allowing that the teacher's pedagogical practices of this curricular component appropriate the productions carried out in the university environment, as well as that the University can put perspective on the development of its actions, in view of the demands presented by the school and, consequently, by Physical Education.

Key-words: Physical Education. University. Formation.

¹ Doutor em Educação Física. Docente da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Email: ecmmoreira@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A relação entre Escola, Educação Física e Universidade é uma temática desafiadora, considerando a necessidade de estabelecimento de conexões entre esses segmentos, de maneira a potencializar seus respectivos campos profissional e científico que os circundam e, refletir sobre a temática em questão é fundamental e pertinente, tendo em vista que há alguns anos temos nos debruçado em estudar questões relacionadas à Universidade e como ela se relaciona com a sociedade no campo da produção do conhecimento no ensino, na pesquisa e na extensão.

Para tanto, perguntas como: viveríamos sem as Universidades, sem Escolas ou sem Educação Física? Qual o papel da Universidade, da Escola e da Educação Física em nossas vidas? De que maneira Universidade, Escola e Educação Física estabelecem conexões com as nossas vidas e com a sociedade? Quais as contribuições das Universidades, das Escolas e da Educação Física na vida daqueles que as acessam?

Esses questionamentos nos levam a busca de possibilidades de resposta para cada uma dessas perguntas e, a primeira resposta que vem em mente é que a Universidade tem um papel primordial na alteração e na resolução dos problemas da sociedade e, obviamente, a Escola e a Educação Física também o têm. Por quê? Simples, pois as três “instituições” agem diretamente na reflexão e ressignificação conceitual, bem como na produção de conhecimentos.

A Universidade tem a função de gerar esse conhecimento viabilizador do funcionamento social, entretanto, a partir do que isso é feito? Daquilo que ela produz no seu interior e, evidentemente, isso pode e deve se refletir também, naquilo que a Escola e a Educação Física produzem.

Para Buarque (2000, p. 106) a missão da Universidade é “pensar, entender, formular e criar o pensamento, as ideias que expliquem e sirvam de base à construção do país”.

É uma afirmação realizada há mais de vinte anos, mas absolutamente importante para que entendamos qual é o papel, ou qual é a missão que a Universidade tem no processo de formação da sociedade.

Dessa forma, uma questão mobilizadora surge: quais as contribuições e desafios da Universidade para o desenvolvimento da Educação Física Escolar no ensino, na pesquisa e na extensão?

Para tanto, o presente ensaio tem como objetivo refletir sobre as possibilidades e desafios na relação entre as práticas pedagógicas em Educação Física Escolar e a Universidade como espaço de formação docente.

Tensionamentos na relação Universidade e Escola

Frente a exposição inicial, entendemos que existem alguns pontos de tensionamentos que nos levarão a entender a relação entre a Universidade e a Escola, bem como da Educação Física na sua relação com ambas as instituições.

Pesquisa, pós-graduação e Escola

Inicialmente, é importante destacar que a Universidade hoje, produz, em sua maioria, um conhecimento distante da prática, ou seja, o conhecimento produzido na Universidade não chega à Escola. Seja porque a Universidade não consegue atravessar esse muro que, muitas vezes ela mesma criou, seja porque o docente que está na Escola não consegue acessar à Universidade por n motivos. A realidade é que esse conhecimento não transita, não chega à Escola.

Outro aspecto que chama a atenção é a pouca produção de pesquisas e conhecimentos na área da Educação Física Escolar. E isso faz com que a escola não tenha novas possibilidades de intervenção, por quê? Porque com pouca produção de pesquisas e conhecimentos na área (se comparadas a outras áreas da Educação Física, como Atividade Física e Saúde e Biodinâmica do Movimento), a busca por soluções é reduzida. Vejamos algumas produções sobre a temática em questão.

Nos estudos de Betti, Ferraz e Dantas (2011, p. 109-110), foram avaliados

[...] 710 periódicos nacionais enumerados na referida Área 21, apenas 28 deles apresentavam na sua política editorial espaço para a subárea de Educação Física Escolar. Posteriormente, este número foi reduzido para 11, tendo em vista que os demais não atenderam ao critério de inclusão proposto para esta pesquisa - periodicidade regular durante pelo menos quatro anos, acessibilidade “on-line” ou no formato impresso na biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

E continuam: “Dos 1.582 artigos publicados nas revistas selecionados, 1.293 (82%) foram classificados como “não Educação Física Escolar” e 289 (18%) como “Educação Física Escolar” (BETTI; FERRAZ; DANTAS, 2011, p. 110).

Em outro estudo, Bracht e colaboradores (2011), agora considerando 9 revistas e não 11 como no estudo de Betti, Ferraz e Dantas (2011) e, de um total 4.166 artigos, 647 corresponderam ao tema da Educação Física Escolar, totalizando 15,5% das publicações.

Outro movimento interessante a se observar, está nas poucas linhas de pesquisa dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física e poucos professores que atuam na formação de mestres e doutores, o que pode ser confirmado pelos estudos de Gomes e colaboradores (2019).

Os referidos autores realizaram um estudo que teve como objetivo “mapear as diversidades epistemológicas na subárea pedagógica nos programas de pós-graduação em Educação Física das Universidades brasileiras” (GOMES *et al.*, 2019, p. 1) e, constataram que 70,76% dos professores atuam, orientam e desenvolvem pesquisas no segmento da Biodinâmica do Movimento, enquanto 14% desenvolvem seus trabalhos no segmento Sociocultural/ Pedagógico.

Tais aspectos desestimulam a participação e o envolvimento da Escola e dos professores na participação em pesquisas, em investigar a sua própria prática, a vincular-se a grupos de pesquisa na Universidade. Dessa maneira, o professor que antes de se formar, se insere no contexto escolar - que por vezes não estimula a busca por conhecimentos e mesmo qualificações - tem poucas possibilidades de estudo e de pesquisa e, conseqüentemente, como não foram estimulados em sua formação universitária, não avançam no sentido de buscar alternativas para os desafios da prática pedagógica.

Outro aspecto é o pouco fomento à produção de pesquisa se comparado às demais áreas da Educação Física, como a área da Biodinâmica do Movimento. Assim, pouco recurso financeiro é destinado à produção de novas possibilidades, de novas experiências pedagógicas se comparado às outras áreas ou subáreas da Educação Física. Afinal, parece que a área pedagógica só precisa da Escola, de um computador e de bons livros para pesquisar, como se o investimento em bolsas de estudo, por exemplo, ou recursos para socializar os estudos produzidos não fossem necessários.

Formação de professores e Escola

Na formação inicial de professores essa relação tensa se mantém de uma forma bastante evidente. Se na relação entre a pesquisa, pós-graduação e Escola, de uma maneira geral, tínhamos tensionamentos e problemáticas em torno da escassez, seja de estudos ou de

fomento para realização de pesquisas, na formação inicial de professores de Educação Física, temos outras, e que vão afetar diretamente a prática pedagógica docente.

O primeiro deles é o perfil generalista de formação, tendo em vista que a formação, em muitos lugares desse país, permanece em um nível muito generalista, com pouca profundidade, com pouca densidade do ponto de vista da formação de um docente, de um professor que vai atuar na Escola, e isso vai gerar, obviamente uma prática pedagógica, se não descomprometida, comprometedora.

Ainda temos dificuldades de pensar uma formação específica, ou seja, só licenciatura ou só bacharelado, muito em função da nossa história formativa.

Não cabe nesse texto, discutir as positivities e negatividades de uma formação ampliada (licenciatura e bacharelado num mesmo curso) ou de uma formação específica (em que se forma um licenciado ou um bacharel). O tensionamento que observamos vai no sentido da dificuldade que temos em pensar uma formação que tenha, de fato, o objetivo de formar um professor de Educação Física que entenda o seu papel na formação de seus alunos, que o entenda em relação à Escola e à sociedade.

Sem a compreensão clara da função docente, corremos o risco de encontrarmos/ termos uma formação inicial deficiente, por conseguinte, práticas pedagógicas deficientes e um processo, cujas dimensões humanas, social, cultural, política, ética e estética, seja igualmente deficiente. E mais! Temos a possibilidade de que pessoas “ocupem” a cadeira docente, sem que haja qualquer compromisso com a educação das pessoas. “*Não tenho o que fazer, não tenho outra ocupação, não tenho outra intervenção profissional a realizar*” e então eu “*me torno professor de Educação Física Escolar*”. E, infelizmente, esse discurso não é incomum.

Um segundo tensionamento refere-se ao currículo dos cursos, que, na maioria das vezes, é elaborado em função do que o professor sabe ensinar e não do que o aluno precisa ou deve saber/aprender.

Quando se discute currículo, organização e reestruturação curricular, percebemos o incômodo de parte de professores que pensam em disciplinas/conteúdos que “sabem” ministrar e, também não é incomum ouvir: “*mas esse conteúdo não pode sair daqui, porque senão o docente fica sem disciplina para ministrar*”.

Durante muito tempo a formação se dava em função do que um docente tinha como área de conforto, zona de conforto, então ensinava-se aquilo que fora aprendido nos bancos

universitários ou mesmo na trajetória esportiva de muitos deles. Entendemos que, ao pensar currículo de formação docente não podemos mais seguir essa lógica, afinal, os tempos são outros!

O currículo precisa ser vivo e ser organizado a partir daquilo que o aluno precisa saber, independentemente do professor ter ou não domínio de uma determinada área, tendo em vista que se o caminho assumido não for esse, os alunos em formação poderão não compreender seu papel de professor na prática pedagógica e formativa de seus alunos.

Um terceiro tensionamento na formação inicial de professores e que chama muito a nossa atenção é a fragilidade teórico-filosófica da formação!

Pouco se lê, pouco se discute, pouco se reflete!

Cada vez mais os alunos leem menos, debatem menos, e isso acaba comprometendo a sua própria forma de pensar a prática futura, gerando falta de compreensão e de reflexão sobre a sua prática e exercício docente.

Entendemos que parte desse problema é fruto da lógica da performatividade, que será debatida mais adiante e que faz com que o foco do processo de formação do futuro professor de ensino superior seja pautado na produção de *papers* e não na leitura profunda e reflexiva da área. Assim, instaura-se na formação do futuro professor a cultura do leitor e produtor de *papers*, que sustenta a lógica da produção em larga escala sem que se pense por que e para que se produz. Pouca ou nenhuma nova teoria surge, vive-se em busca de um pequeno diferencial/variável em relação ao que já foi produzido, fazendo com que currículos se tornem robustos do ponto de vista da quantidade e insignificantes do ponto de vista da qualidade e inovação na área, condição essa replicada por este professor desde a graduação.

O que fora mencionado é tão impactante do ponto de vista da formação do futuro professor de ensino superior que muitos programas de pós-graduação em Educação Física no país não exigem mais a dissertação de mestrado e/ou tese de doutorado nos formatos clássicos de relatórios de pesquisa (arcabouço teórico robusto, método, análise de dados e conclusão), mas sim, o modelo conhecido como “escandinavo”, que nada mais é do que uma coleção de artigos apresentados em sequência, com introdução, desenvolvimento e conclusão específicos a cada um deles, como um livro ou um periódico científico completo, o que reforça a tese do “leitor e produtor de *papers*”.

Outro aspecto que devemos destacar está atrelado à história da nossa área, ou seja, um currículo tradicionalmente centrado no saber fazer, e que leva a uma prática pedagógica também centrada no simples fazer.

Obviamente, quando tratamos de um saber fazer e de um simples fazer, nos referimos a práticas que levam em consideração a realização do movimento pelo movimento e, portanto, precisamos tomar cuidado para não “jogar fora” ou abrir mão do saber fazer como se ele fosse prejudicial ao processo formativo.

O saber fazer é importante, mas ele precisa carregar consigo o saber conhecer e o saber ser, como elementos importantes do processo de intervenção profissional e do processo de aprendizagem de jovens e crianças que estão na Escola e nas aulas de Educação Física. Precisa ser um saber fazer contextualizado, tematizado, refletido, debatido, compreendido e, acima de tudo, incorporado a forma de ser do aluno.

Caminhos possíveis

Como é possível resolver tudo isso?

Entendemos que não seja possível resolver tudo isso no tempo que dispomos. Isso pode levar muito tempo, anos, décadas, enfim.

Quando pensamos, por exemplo, no movimento renovador da Educação Física na década de 1980, olhamos para trás e constatamos que já se passaram quarenta anos. Ou seja, se há quarenta anos se debate uma perspectiva de transformação das práticas de Educação Física, pressupomos que seja um processo que ainda levará um bom tempo, mas precisamos pensar em pistas que nos permitam vislumbrar a superação de tais tensionamentos.

Inicialmente, precisamos deixar de lado a formação de pseudo-licenciados, ou seja, a ideia de que qualquer formação para professor vale, ou então formar licenciados com perfil de bacharel, o que é algo muito comum nos cursos licenciatura em Educação Física.

Para tanto, precisamos assumir o compromisso e atuar para que o curso de licenciatura forme professores de Educação Física para atuação na Escola, isto é, fazer uma clara opção pelo viés de uma formação profissional de professores para atuar como professores da Escola e não apenas na Escola, caso contrário, continuaremos com uma formação e atuação futura deficientes e que em nada contribuem ao processo de formação e desenvolvimento social.

Outra ideia que destacamos, tem como referência os estudos de Chauí (2001), em sua obra clássica “Escritos sobre a Universidade”, quando esta afirma que a Universidade trabalha numa perspectiva operacional, pautada exclusivamente na alta produtividade, no treinamento e no adestramento de pessoas, o que podemos constatar plenamente a partir do que se observa nos programas de pós-graduação, independente da área.

A lógica da pós-graduação nos empurra para a cultura da performatividade, pautada na:

[...] eficiência, produtividade, espírito empreendedor [...] multiplicam-se os sistemas de avaliação de resultados, no plano internacional e nacional, os *rankings* entre escolas, as reorganizações dos currículos por competências ou “expectativas de aprendizagem”, os processos de monitoramento, a produção de materiais instrucionais, as premiações, os bônus etc. (CANDAU, 2013, p. 13)

Ou seja, uma lógica que nos leva a produzir intelectualmente, à escrita de artigos, capítulos de livros, artigos para eventos científicos, mas que secundariza a formação do indivíduo, mas é a forma como “funciona” a Universidade operacional.

Chauí (2001) afirma que esse modelo de Universidade forma incompetentes sociais, tendo em vista uma formação universitária encurtada, simplificada e que aceita a ideia de que esse professor vai se formar na Universidade, mas depois se formará em serviço, uma lógica parecida com a empresa:

O fato de que a formação universitária possa ser encurtada e simplificada e que a empresa possa “qualificar” em algumas horas ou em alguns dias prova simplesmente que quanto mais cresce o acervo cultural e tecnológico, assim como o próprio saber, **tanto menos se deve ensinar e tanto menos se deve aprender.** (CHAUI, 2001, p. 55, grifos do autor).

Entendemos que tal condição precisa ser refletida de maneira a se buscar alternativas para que seja suplantada.

Dessa forma, uma das proposições que apresentamos é a intensificação da relação entre a formação de professores de educação básica (formação inicial) com a formação de mestres e doutores, de maneira que o ensino de pós-graduação estabeleça e consolide vínculos com o ensino de graduação. Conectar a formação de professores de educação básica à formação de mestres e doutores com a prática pedagógica da Educação Física Escolar, ou seja, levar os futuros professores ao encontro dos futuros mestres e doutores e aos professores que se encontram no cotidiano das Escolas, num processo de compartilhamento de experiências, de pesquisas, de leituras, de trocas entre aqueles que estão na Escola, com

aqueles que irão para Escola e com os que pesquisam a Escola. Tais situações podem ocorrer nos grupos de pesquisa, em eventos organizados pela graduação e/ ou pós-graduação, em ações/ projetos organizados pela Universidade e aplicados na Escola.

No campo do ensino, devemos investir nos estágios, de maneira a designar a responsabilidade de sua condução a professores com perfil docente para acompanhar estas ações, tendo em vista que esta etapa formativa deve ser encarada/ reconhecida como uma das mais importantes na trajetória dos futuros professores. Cabe ressaltar que a Escola precisa ser “visitada” mais vezes pelos professores e alunos em formação, pois este será o ambiente natural de intervenção profissional futuro e, condicionar aos estágios a responsabilidade de dar conta de oferecer todas as experiências e vivências necessárias aos futuros professores pode ser por demais oneroso.

Para tanto, os professores de diferentes disciplinas devem conduzir seus alunos em visitas guiadas, que permitam aos alunos entender como a escola funciona, como se relacionam os professores com os demais colaboradores e com os alunos, ou ainda como os alunos se relacionam entre si. Assim, disciplinas de base como História da Educação Física, Sociologia, Antropologia, Psicologia, podem lançar olhares específicos para esse ambiente.

Por sua vez, disciplinas aplicadas como as Práticas Corporais das mais diversas podem levar os estudantes a analisar tais manifestações no ambiente escolar ou mesmo propor intervenções que coloquem em prática pressupostos teóricos que foram apresentados durante a formação.

Além disso, os processos de escolha da Escola, planejamento e realização de ações pedagógicas, reflexão e análise das intervenções entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, bem como toda e qualquer configuração que permita aos participantes envolvidos pensar no que se fez, por que se fez, para que se fez, o que foi realizada a contento e o que não foi requerem professores engajados com a causa formativa dos futuros docentes.

Ainda no campo do ensino, a consolidação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID e da Residência Pedagógica, efetivando assim como no estágio docentes que tenham o perfil pedagógico adequado, é de fundamental importância, visto que não é incomum encontrar docentes que são coordenadores de PIBID e do Programa Residência Pedagógica com perfis que não são os de Educação Física Escolar.

No campo da extensão, um trabalho que pode ser realizado é a formação continuada de professores da rede pública, que pode ocorrer com a oferta de intervenções junto aos

professores no sentido de reconhecer e potencializar suas ações, qualificando-as ainda mais a partir de seus contextos e das propostas de ensino de Educação Física da própria rede e, nos casos em que a proposta para o ensino da Educação Física não exista, a elaboração de uma proposta pode ser uma boa oportunidade de conectar o ensino, a pesquisa e a extensão no âmbito das relações entre Universidade e Escola, conforme outros estudos já indicaram tal possibilidade (PALAFOX, 2022; MOREIRA *et al.*, 2014).

No campo da pesquisa, engajar um número maior de professores em programas de mestrado em âmbito acadêmico, da Educação Física, da Educação ou de outras áreas correlatas, ou nos mestrados profissionais, este último que se ocupa, exclusivamente, com a formação de mestres oriundos da Escola pública, qualificando de forma efetiva o ensino público brasileiro.

Outra possibilidade é a criação de espaços de socialização de experiências das práticas docentes, permitindo assim que os professores acessem vivências positivas realizadas por outros professores, o que pode estimular que também investiguem suas próprias práticas e que estas sejam objeto de socialização também.

Uma experiência como essa é citada por Grunennvaldt *et al.* (2021), que, ao redimensionarem a condição dos estágios durante a formação, instituem os “Seminários de Socialização das Práticas de Estágio”, incorporando nessa ação a presença dos professores de Educação Física das escolas campo de estágio:

A vontade dos envolvidos era ouvir e se fazer ouvir pelas perspectivas da universidade e da escola básica, uma via de mão dupla que partia da experiência singular de cada um e que também se configurava um coletivo sob várias incidências e que buscou pontos que concorressem para a aproximação e o diálogo (GRUNENNVALDT *et al.*, 2021).

Os autores reforçam a ideia de socialização ao afirmar as positivities da proposta e a integração entre a Universidade, a Escola e a Educação Física:

Essa experiência exitosa incitou a organização do I Seminário de Socialização das Práticas de Estágio da Licenciatura de Educação Física FEF/ UFMT promovido no semestre seguinte, 2013/1. [...] Realizaram-se duas mesas redondas **com a participação de professores supervisores do estágio supervisionado da FEF/UFMT, coordenadores pedagógicos das escolas públicas e professores de Educação Física das escolas campo de estágio**. As temáticas discutidas foram “**Universidade e Educação Básica: Diálogos Iniciais**” e “**Estágio Supervisionado: Articulando Teoria e Prática**” (GRUNENNVALDT *et al.*, 2021, p. 91, grifos nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível pensar a Universidade para além de seus muros!?

É possível pensar numa formação inicial centrada na Escola e nos processos de ensinar e aprender a Educação Física na Escola!?

É possível superar os tensionamentos e dicotomias entre Universidade e escola?

A nossa resposta é, sim, é possível!

Mais do que isso, é um dever, uma obrigação que a Universidade e a Escola caminhem lado a lado.

Para tanto, a Universidade e o docente que está na Universidade devem estabelecer relações/ conexões com os professores que estão nas Escolas, seja nas redes municipais ou estaduais de educação, pois temos certeza, eles estão sedentos por isso. É fundamental dar esse primeiro passo, porque a lógica do docente que está na Escola é uma lógica acelerada, conturbada, muitas aulas, muitas tarefas, muitas turmas para trabalhar, isso tudo dificulta esse processo.

É importante que a Universidade pense no primeiro passo para estabelecer essa conexão com as Escolas e com as secretarias de educação, superando as dificuldades em trazer o professor para a Universidade e levar a Universidade até a Escola.

A Escola, por sua natureza, é um espaço de experiências e produção de conhecimento e cultura muito rico, mas que precisa ser compreendido, experimentado.

A Universidade, por sua natureza, também é um espaço de produção de conhecimento e que, ao se aproximar e se apropriar dos conhecimentos produzidos na Escola pode tornar factível a ciência que baliza suas ações, enxergando os potenciais caminhos para a formação e a atuação de professores com compromisso social e cidadão dos alunos que estão em nossas Escolas.

REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro; FERRAZ, Osvaldo Luiz, DANTAS, Luiz Eduardo Pinto Basto Tourinho. Educação Física Escolar: estado da arte e direções futuras. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 25, n. esp., p. 105-15, dez. 2011. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/rbefe/v25nspe/11.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

BRACHT, Valter e colaboradores. A educação física escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, v. 17, n. 2, p. 11-34, abr./ jun. 2011. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/19280/13146>. Acesso em: 01 ago. 2022.

BUARQUE, Cristovam. **A aventura da universidade**. 2. ed. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CANDAU, Vera Maria. Currículo, didática e formação de professores: uma teia de ideias-força e perspectivas de futuro. In: OLIVEIRA, Maria Rita N. S.; PACHECO, José Augusto (Orgs.). **Currículo, didática e formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Unesp, 2000.

GOMES, Leonardo do Couto Gomes *et al.* Programas de pós-graduação stricto sensu em educação física no Brasil: diversidades epistemológicas na subárea pedagógica. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 25, e25012, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/84501/52443>. Acesso em: 01 ago. 2022.

GRUNENVALDT, Ana Carrilho Romero *et al.* Estágio, lugar de mobilidade e coletividade: a experiência dos seminários de socialização das práticas de estágio da FEF/UFMT. In: MOREIRA, Evando Carlos Moreira; PEREIRA, Raquel Stoilov (Orgs.). **Boas práticas na formação profissional em educação física**. Curitiba, PR: Appris, 2021.

MOREIRA, Evando Carlos *et al.* Proposta pedagógica para o ensino da Educação Física em Cuiabá: Relatos de uma formação continuada. **Revista eletrônica de educação**, v. 8, n. 3, p. 278-290, 2014. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1049/372>. Acesso em: 01 ago. 2022.

PALAFIX, Gabriel Humberto Muñoz (Org.). **Planejamento coletivo do trabalho pedagógico - PCTP: a experiência de Uberlândia**. Uberlândia, MG: Casa do Livro; Linograf, 2002.